

O crescimento económico da China agora domina toda a paisagem de assuntos internacionais. Aos olhos dos analistas políticos e estadistas, China é visto como potencialmente "a maior potência do mundo económico em 2019." Especialistas de instituições financeiras sugerem uma data anterior mesmo para tal prognóstico: "China", um também disse, "vai ser a maior economia do mundo em 2016." Esta rápida transformação, com razão, é chamada de "o milagre chinês". O consenso geral, na China, bem como no exterior, é que o século XXI será "O século da China". Estadistas internacionais voam para Pequim, enquanto empresários de todas as partes do mundo desenvolvido estão apressando para Xangai e outras metrópoles provinciais na esperança de conseguir promoções. Europa está implorando China para vir ao salvamento de sua moeda em dificuldade.

A atribuição do prémio Nobel da paz em 2010 trouxe o nome de Liu Xiaobo a atenção de todo o mundo. Ainda bem antes disso, ele já tinha conseguido fama considerável na China, como um intelectual público afamado e destemido, e claro e autor de uns dezassete livros, incluindo colecções de poesia e crítica literária como ensaios.² políticos. As autoridades comunistas involuntariamente certificadas pela exactidão intransigente dos seus comentários. Eles mantiveram prenderem-no pelo seu ponto de vista — quatro vezes desde o massacre de Tiananmen em Junho de 1989. Agora ele está novamente na prisão, desde Dezembro de 2008; Embora com saúde debilitada, é submetido a um regime especialmente grave. Como disse Pascal, "As testemunhas de confiança estão dispostas a sacrificar suas vidas" e este testemunho especial acontece ser excepcionalmente bem qualificado de outras formas, bem como, pela profundidade da sua informação e experiência, sobretudo pelas suas qualidades de inteligência e coragem moral.

Liu verdadeiramente pertence à geração da "Juventudes de Mao," que, por paradoxo interessante, eventualmente produziram os dissidentes mais audaciosos e a articulação de mais activistas em favor da democracia — por exemplo, Wei Jingsheng, herói do episódio muro da democracia em Pequim entre 1978 e 1979, que passou dezoito anos duros na prisão antes de ser exilado para a West.³ Liu Xiaobo homenageia frequentemente estes pioneiros. Ele era muito jovem para participar na Revolução Cultural, mas este movimento — ironicamente — teve um impacto positivo na sua vida.

Como a maioria dos intelectuais, os seus pais, que eram professores, foram deportados para uma fazenda colectiva em zona rural; Tendo os acompanhados localmente, Liu foi misericordiosamente privado durante vários anos de escolaridade convencional. Ele apreciou isso em retrospectiva: esses anos de escolaridade perdida "permitiu-me liberdade." Escapando a doutrinação da pedagogia maoísta; leu aleatoriamente uma enorme variedade de livros — todos os impressos que lhes chegavam às mãos — e, portanto, descobriu o princípio para guiá-lo, posteriormente, em frente: cada um deve pensar por si mesmo.

Após a morte de Mao, as universidades foram finalmente autorizadas a reabrir; em 1977, Liu juntou-se o primeiro grupo de alunos admitidos novamente para o ensino superior, pela primeira vez na sua província, mais tarde na Universidade Normal de Pequim. Ele prosseguiu os estudos em literatura chinesa com grande sucesso; Finalmente, onze anos mais tarde, depois de ter obtido seu doutoramento, ele foi nomeado para um posto de professor na mesma Universidade. A sua mente original, revestida de grande curiosidade intelectual e de

asseguradas condições favoráveis para expressão de brilhante carreira académica; bem cedo, ele chegou a uma grande audiência alargada para muito além da sala de aula e adquiriu a reputação de um 'enfant terrible' do mundo cultural chinês

Nos debates sobre literatura e ideias, as suas visões eram um a refrescamento livre da Convenção dogmática; ainda nesta fase inicial, ele não se envolveu em questões políticas. O ponto de viragem do seu desenvolvimento ocorreu em 1989, com o massacre de Tiananmen em 4 de Junho e suas consequências. Pouco antes, a reputação de Liu como um crítico original de ideias tinha trouxe-lhe convites do estrangeiro. Enquanto isso, em Pequim, o movimento de protesto político e contestações para reformas democráticas estavam recolhendo dinâmica: uma enorme multidão de estudantes juntamente com seus partidários entusiastas e simpatizantes tinha se reuniram e acamparam na Praça da Paz Celestial, o coração da capital.

Na época, Liu Xiaobo estava em Nova York, tendo aceite um convite para ensinar ciências políticas do Columbia Barnard College. Como muitos intelectuais chineses antes dele, Liu tinha idealizado pela primeira vez o Ocidente; no entanto, as suas experiências, primeiro na Europa e, em seguida, nos Estados Unidos, logo quebraram as suas ilusões. Durante uma visita ao Museu Metropolitan em Nova York, ele experimentou uma espécie de Epifania que cristalizou o tumulto da sua mais recente meditação: ele percebeu os passos velozes de sua própria aprendizagem, atendendo as fabulosas riquezas das diversas civilizações do passado e simultaneamente percebeu a inadequação do Ocidente contemporâneo para responder à situação moderna da humanidade. O seu próprio sonho de ocidentalização que poderia ser usado para reforma da China de repente pareceu-lhe tão patético como a atitude de "paraplégico rindo do tetraplégico," ele confessou ao tempo:

"A minha tendência para idealizar a civilização ocidental surge do meu desejo nacionalista de utilizar o Ocidente para a reforma da China. Mas isso levou-me a negligenciar as falhas da cultura ocidental Eu tenho sido generoso em relação à civilização ocidental, exagerando seus méritos e ao mesmo tempo exagerando meus próprios méritos. Vi o Ocidente como se fosse a salvação da China, mas também o destino natural e final de toda a humanidade. Além disso, usei esse delirante idealismo de me atribuir o papel de salvador....

Agora percebo que a civilização ocidental, embora possa ser útil na reforma da China na sua fase actual, não é possível salvar a humanidade em sentido geral.

Se nós estamos volta da civilização ocidental por um momento, podemos ver que possui todas as falhas da humanidade em geral.

Se, como uma pessoa que tenha vivido sob o sistema autocrático de China durante mais de trinta anos, quero reflectir sobre o destino da humanidade, ou como pessoa de fé, não tenho escolha mas para efectuar duas críticas em simultâneo. Deve-se:

- 1. Use a civilização ocidental como uma ferramenta para criticar a China.*
- 2. Use minha própria criatividade para criticar o Ocidente.*

Enquanto Liu ainda estava em Nova York, o movimento estudantil em Pequim continuou a desenvolver, não percebendo que isso então foi considerado em rota de colisão com a facção de linha dura da liderança comunista — a facção a quem Deng Xiaoping deu finalmente rédea solta. Mas Liu percebeu que em breve será alcançada uma crise, e tomou uma decisão grave e generosa: cedeu a segurança e o conforto de sua nomeação acadêmico de Nova York e correu à pressa para Pequim. Não deixou a Praça durante os últimos dias dramáticos de demonstração dos alunos. Tentou desesperadamente convencê-los que política democrática deve ser "política sem ódio e sem inimigos", e simultaneamente, depois que foi imposta a lei marcial, negociou com o exército na esperança de obter uma evacuação pacífica da Praça.

Graças à sua intervenção, inúmeras vidas foram salvas, embora no final ele não pudesse impedir maior carnificina — ainda não sabemos quantos estudantes, espectadores inocentes, e equipes de resgate ainda voluntários desapareceram durante o banho de sangue de que final night.⁴ Liu, ele próprio, foi preso na ruas três dias depois do massacre e preso sem julgamento para os próximos dois anos. Ele saiu da prisão um homem mudado. Foi demitido da Universidade e proibido de publicação e de dar quaisquer palestras públicas dentro da China.

Devido à Internet, no entanto ("A Internet verdadeiramente é dom de Deus para o povo chinês," como ele disse mais tarde), ele foi capaz de desenvolver uma nova carreira como comentarista "freelancer" na sociedade chinesa e cultura. Seus artigos e ensaios foram publicados no exterior em vários periódicos de língua chinesa (principalmente em Hong Kong e Taiwan); e na própria China, ele alcançou um grande número de leitores através da Web, que ainda frustra censura oficial. Sua influência e prestígio entre os dissidentes chineses culminaram em Dezembro de 2008 com seu patrocínio de carta 08 — um documento colectivo inspirado pelo exemplo definir trinta anos anteriormente na Checoslováquia comunista por Václav Havel e seus amigos, Carta 77.

Carta 08 é um modelo de moderação e tranquila razão: ele enuncia os princípios e direitos fundamentais que devem inspirar a longa reforma política atrasada da China: um ideal de democracia, humanismo e não-violência, institucionalmente garantida pela separação de poderes, liberdade de opinião, "livre e justa concorrência entre partidos políticos," e o estabelecimento de uma República federal (que, na verdade, já havia sido previsto um século atrás, quando foi estabelecida a primeira República chinesa).

Não há nada em tal programa que deverá aparecer como radical ou inflamatória. Zhao Ziyang — ex-primeiro-ministro chinês (1980 – 1987), antigo secretário-geral do Partido Comunista (1987-1989) e o principal arquitecto do primeiro movimento de reforma e abertura para o mundo exterior na era post-Mao — veio nos seus últimos anos de expressar opiniões que são muito semelhantes à carta 08.⁵ no final de sua vida, durante seu imposto exílio interno Zhao chegou à conclusão — claramente expressa no seu testamento político — que o sistema político chinês necessitava de ser reformado:

"Ditadura do proletariado" tornou-se uma estrutura rígida, puramente formal, protegendo a tirania de uma minoria — ou de uma única pessoa. O caminho do futuro, no sentido de modernização verdadeira, é a democracia parlamentar — sobre o modelo ocidental. Essa transformação provavelmente exigiria um período bastante longo de transição; ainda é possível, como já é mostrado nos exemplos de Taiwan e Coreia do Sul....⁶

Todos os ensaios de Liu Xiaobo incluídos no presente volume lidam com um período de vinte anos — de Tiananmen à carta 08. Durante este período, embora várias vezes preso e detido sem julgamento, Liu foi activa no jornalismo político de 'freelancer'. Não tendo nenhum emprego regular, ele conseguiu fazer uma vida precária com sua pen.7

Alguns dos ensaios concentram-se em eventos específicos, do qual o autor desenha lições mais profundas; outros abordam questões sociopolítico e culturais mais amplas, que, em seguida, são ilustradas com exemplos extraídos incidentes actuais.

Um bom exemplo do primeiro tipo é fornecido por um artigo importante expondo o caso horrendo dos fornos"pretos". (Mais tarde, no último julgamento de Liu, este foi um dos seis ensaios apresentados como prova de sua tentativa de "subversão do poder do Estado.") Em Maio de 2007, os pais de crianças que tinham desaparecido na província de Henan relataram seu desaparecimento para jornalistas corajosos de televisão local. Divulgaram que operadores de fornos de tijolo na província de Shanxi tinham organizado grandes redes sequestro para abastecer seus fornos com trabalho escravo, e as autoridades locais em duas províncias aparentemente tinham sido cúmplices nestes actos penais.

A polícia provou ser singularmente inepta na tentativa de dismantelar essas redes abomináveis: apenas um pequeno número de crianças foi encontrado e resgatado — 10% dos mais de mil desaparecidos. Sanções penais, que são geralmente implacáveis ao lidar com a dissidência de autoridade do partido, eram notoriamente superficiais: noventa e cinco membros do partido e os funcionários públicos foram envolvidos, mas apenas estavam sujeitos a "Disciplina do partido" e não a acusações criminais. Funcionários superiores só receberam "sério aviso do partido". Liu conclui: "O governo poderoso, com todas as suas vantagens e vastos recursos, não está pronto para a batalha com o submundo chinês." A principal preocupação do partido comunista, escreve ele, é manter seu monopólio apertado ao longo de todo o poder público. Funcionários em todos os níveis são nomeados, promovidos ou demitidos à vontade exclusiva de um grupo privado: o próprio partido.

A primeira prioridade dos funcionários é sempre servir a época (porque, na prática, isso serve-se) e não para servir as pessoas dominadas.

Como para o sistema judicial — também usado pelo partido para proteger seu monopólio do poder — é absolutamente relutante abordar questões envolvendo a Aliança entre o partido e o submundo:

Na China o submundo e as entidades oficiais têm-se interpenetrado de formar tornar-se num único ente. Elementos criminosos tornam-se oficializados como funcionários se convertem ao mundo do crime. Chefes de submundo usam títulos no Congresso Nacional e na Conferência Consultiva do Povo, enquanto funcionários civis dependem do submundo para manter a tampa sobre a sociedade.

Final da 1.ª Parte